

## **MINHA MÃE É BELÍSSIMA: O ELOGIO EXCESSIVO COMO ESTRATÉGIA DE (IM)POLIDEZ EM NEGOCIAÇÃO NO CONTATO INTERCULTURAL ENTRE DUAS ESTUDANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO SEGUNDA LÍNGUA**

*Rodrigo Albuquerque (Universidade de Brasília - UnB)*

### RESUMO

Neste estudo, propomos analisar, à luz da sociolinguística interacional e da pragmática, como o elogio excessivo é avaliado pelos alunos falantes de espanhol no contexto de ensino de português brasileiro como segunda língua. Constatamos nos dados analisados que a participante Nora, ao contrário de Flora, avaliou positivamente o uso do elogio (desejava cumprir com a atividade pedagógica designada e destacar os atributos positivos da mãe).

PALAVRAS-CHAVE: (im)polidez; elogio (excessivo); ensino de português brasileiro como L2.

### Considerações iniciais

Historicamente, a teoria de polidez acompanhou o trajeto dos estudos da linguística, transitando por esferas mais formais (sintático-semânticas) até chegar a esferas mais discursivas (sociopragmáticas). Em consonância com esse percurso, Lakoff (2005, p. 24) situa os estudos da gramática transformacional e as investigações ancoradas na sociolinguística e na pragmática, respectivamente, na década de 1960, e na transição entre as décadas de 1960 e 1970. Contudo, parece que os primeiros estudos de polidez, datados formalmente a partir da década de 1970, preservam ainda certo resquício de análises predominantemente formais.

Traço, a seguir, uma linha temporal com os autores pioneiros no debate em torno da teoria de polidez, sinalizando, por conseguinte, suas próprias perspectivas (mais/menos formais/discursivas). De modo indireto, a teoria de *faces*, postulada por Goffman (1967), seria o ponto de partida para qualquer consideração acerca de polidez. O autor esclarece que os interagentes, de forma geral, desejam satisfazer/preservar suas próprias *faces* e a do outro no seguinte pacto latente: eu não ameaço a *face* do outro enquanto a minha não estiver ameaçada.

Em sintonia com essa necessidade de não ameaçar a *face*, Lakoff (1973) traz as primeiras contribuições mais diretas sobre polidez, considerando, para tanto, que a lógica da polidez se estabeleceria nos níveis sintático, semântico e pragmático. Entretanto, os estudos da autora, por mais que tentassem avançar para a esfera pragmática, ainda residiam no domínio frástico, transitando, sobretudo, nas esferas sintático-semânticas (ALBUQUERQUE, 2015, p. 47). Mais adiante, Lakoff (1973, p. 298) propõe três regras de polidez: “não seja impositivo, dê opções e seja amigável (faça com que o outro se sinta bem)”.

Dez anos se passaram e Leech (1983), em estudo um pouco mais pragmático, revela ser esperado na interação *face a face* que o locutor arque com todos os custos interacionais, poupando e beneficiando, assim, o seu interlocutor. Em outras palavras, o locutor deve minimizar o que é desfavorável ao outro. Ao obedecer à “máxima da modéstia”, por exemplo, o locutor deveria reconhecer as qualidades do interlocutor e, de certo modo, revelar suas próprias fragilidades, em atitude próxima à depreciação (LEECH, 1983, p. 136). A obediência à “máxima da modéstia” acarreta, conforme estabelece Leech (1983, p. 137), a violação da “máxima do acordo”.

Apesar de avançar nos estudos pragmáticos, Leech (1983) enfatiza o caráter normativo (regulativo) da polidez (cf. XIAMEI & YUSHAN, 2014, p. 94). Diferentemente desse autor, Brown & Levinson (1987) consideram, em resgate à teoria goffmaniana, que as nossas *faces* positiva e negativa possuem, respectivamente, duas necessidades: sermos aprovados/valorizados e termos o nosso território preservado. Ou seja, nossos interlocutores, no geral, têm necessidade tanto de satisfazer a *face* positiva (valorização da *face*) quanto a *face* negativa (manutenção da *face*). Essa demanda, de acordo com os autores, teria caráter universal.

Antes de contextualizar nosso estudo, considero que o elogio ocorre, para esses construtos teóricos, quando somos amigáveis com o outro, para que ele se sinta bem (LAKOFF, 1973); quando nos amparamos na “máxima da modéstia”

e comprometemos, por conseguinte, a “máxima do acordo”, em prol de maximizarmos a apreciação ao outro e minimizarmos a apreciação a nós mesmos (LEECH, 1983); e quando atendemos às necessidades da *face* positiva do interlocutor, apreciando/valorizando a *face* dele (BROWN & LEVINSON, 1987).

Entretanto, Jucker (2009, p. 1612) destaca que os elogios podem ser considerados apropriados em determinadas situações, mas não em outras. O autor acrescenta que, em geral, o interlocutor sempre permanece na dúvida quando está diante do elogio: se o aceita, pode ser avaliado como imodesto; se o rejeita, pode desagradar o locutor. Nesse sentido, finaliza o autor, cabe às culturas avaliar os perigos de se aceitar/rejeitar o elogio, o que, portanto, afetará o modo como os interlocutores tendem a responder a essa ação.

Com relação à corrente teórica deste estudo, afiliamo-nos à sociolinguística interacional, por compreender as estratégias de polidez como negociadas (e construídas conjuntamente) na interação face a face, e aos estudos da pragmática, por terem tradição na investigação do tema e centrarem-se na língua em uso e na relação estabelecida pelos interlocutores. Em especial, damos destaque às contribuições de Goffman (1967); Lakoff (1973); Leech (1983); Brown & Levinson (1987); Pomerantz (1978); Manes (1983); Holmes (1995); Barbosa (1996); Watts (2003); Kerbrat-Orecchioni (2004); Briz (2004, 2008); Rus (2007); Bousfield (2008); Siebold (2008); Malaver y González (2008); Jucker (2009); Andrade (2010); Válková (2013); Xiamei & Yushan (2014); e Albuquerque (2015).

Nosso trabalho, a partir dessas referências, objetiva analisar como o elogio excessivo é avaliado pelos alunos falantes de espanhol no contexto de ensino de português brasileiro como segunda língua, e gera, conseqüentemente, a seguinte questão de pesquisa: “Mesmo o elogio sendo originalmente uma estratégia de polidez positiva (valorização à *face* do outro), como os alunos falantes de espanhol no contexto de ensino de português brasileiro avaliariam o uso do elogio excessivo?”

Diante desse objetivo, alinhado à nossa questão de pesquisa, reiteramos a importância de se trazer à tona um potencial tópico de assimetria interacional/cultural (o elogio excessivo). Apesar de não descartar a existência de certos princípios universais de usos mais/menos polidos, concordo com Kerbrat-Orecchioni (2004) quando ela afirma que pode haver diferenças sócio/interculturais no que tange às estratégias de polidez (em nosso caso, à avaliação do

elogio), o que justifica nossa discussão, com vistas a assegurar certa harmonia às relações interpessoais (cf. KERBRAT-ORECCHIONI, 2006 [1943]) dos nossos colaboradores de pesquisa.

Motivado, também, por essa justificativa, dividi esse artigo em quatro partes, a saber: (a) considerações iniciais (esta seção), com breve percurso em torno da teoria de polidez, reflexões iniciais acerca do elogio, além da proposição de objetivo, justificativa e questão de pesquisa; (b) ações metodológicas, com reflexões epistemológicas e apresentação do nosso contexto de pesquisa; (c) análise do excerto interacional, com aplicação das reflexões teórico-metodológicas na análise do elogio excessivo sob a ótica de duas colaboradoras; e (d) considerações finais, com síntese da análise para contemplar a questão de pesquisa e o nosso objetivo, reunindo as principais contribuições deste estudo para o ensino de português brasileiro como segunda língua.

### **Ações e reflexões metodológicas**

Antes de narrar e descrever a nossa experiência em campo, necessito tratar de duas expressões-chave para este trabalho: *pesquisa qualitativa e etnografia*. Esta investigação pauta-se, antes de tudo, pelas recomendações relativas à pesquisa qualitativa, que atua, conforme esclarece Flick (2009, p. 17), como um *guarda-chuva* que abarca as investigações inscritas nas ciências sociais, de abordagens interpretativas. Nosso interesse pelas razões que motivam a avaliação do elogio excessivo, apoiada na interpretação das ações de nossas colaboradoras, já justifica a escolha por essa abordagem.

Dentro desse *guarda-chuva* e, por consequência, sob esse viés interpretativista está a etnografia, que fundamentou todas as nossas ações em campo, por possibilitar, na concepção de Angrosino (2009, p. 20), “desvelar os significados que os atores sociais atribuem às suas funções”. Ao analisar o excerto interacional que apresentarei no final desta seção, procurei trazer à tona o sentido subjacente às ações dos atores sociais do estudo: os efeitos do elogio excessivo na avaliação dos alunos falantes de espanhol. Esse sentido necessitava ser negociado com/entre esses atores sociais, e não ser centralizado em mim (o pesquisador), pois o conceito de *excessivo* poderia ser muito particular para cada cultura e para cada participante de pesquisa. Era uma tarefa, nas palavras de Angrosino, de desvelar sentidos, e não de atribuí-los.

A etnografia, de acordo com Flick (2009, p. 120), se baseia “na participação e na observação em campos abertos e instituições”, de modo a privilegiar as investigações que se dão em contextos naturais, possibilitando descrições holísticas. Estas, prossegue o autor (2009, p. 126), não pretendem realizar qualquer generalização para outros contextos investigativos, uma vez que a pesquisa é contextualmente situada e a generalização se dá apenas de maneira interna (voltada para o próprio dado sob análise). Outros atributos da etnografia são: o caráter êmico (a experiência da pesquisa do ponto de vista do colaborador), a reflexividade dos sujeitos envolvidos (a oportunidade de refletir sobre as próprias ações), bem como a triangulação de dados (a possibilidade de os dados serem analisados por vários ângulos, por várias técnicas de coleta de dados<sup>1</sup>). Angrosino (2009, p. 56), de certo modo, justifica esse fazer etnográfico ao afirmar que qualquer observação parece (mas não é) objetiva, pois “a objetividade dos nossos cinco sentidos não é absoluta”, dado que podemos trazer para a nossa visão alguns filtros, tais como preconceitos socioculturais.

Por princípio etnográfico, necessito, então, dar voz aos meus colaboradores, com o intuito de ser fiel ao caráter êmico, à reflexividade e à necessidade de triangular olhares. Imbuído desse sentimento, analiso em conjunto com as participantes do estudo uma interação de Nora, Flora e Estela<sup>2</sup>, envolvendo o uso do elogio excessivo como ato de (im)polidez na negociação de sentidos entre falantes de espanhol durante a aula de português brasileiro para estrangeiros. Essas interagentes, na ocasião, frequentavam o curso no Núcleo de Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros (NEPPE), da Universidade de Brasília (UnB)<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Sobre a expressão *coleta de dados*, Johnstone (2000, p. 22) nos esclarece serem os dados o resultado de observação e análise de aspectos já naturalizados nas práticas cotidianas. Etimologicamente, o termo *dado* significa coisas dadas [*things given*], sendo, coerentemente, a concepção adotada nesta investigação, por compreendermos que os dados se constroem (são gerados) no decorrer da pesquisa, e não são coletados antes desta, como se, assim, já estivessem prontos. Nossa triangulação de dados (gerados) ocorrerá, então, a partir das contribuições do etnógrafo, das teorias e das colaboradoras (sem qualquer ordem de importância).

<sup>2</sup> Os nomes utilizados na pesquisa são pseudônimos, a fim de preservarmos as identidades das colaboradoras. Todos os nomes fictícios foram escolhidos por mim, a partir da observação do modo como as estudantes e a professora buscavam interagir, e da pesquisa de nomes que fossem comuns à cultura de cada colaboradora. O nome Estela significa “estrela, talento, inteligência, dedicação e versatilidade”; já Flora quer dizer “luz e cor”; e Nora, por sua vez, “menina”.

<sup>3</sup> As atividades do NEPPE são centralizadas nas ações de (1) coordenar, supervisionar e pro-

Estela (27 anos) era a professora do curso de português brasileiro para estrangeiros. Natural de Brasília e residente na capital, realizou o curso de Português do Brasil como Segunda Língua, promovido pela UnB, que a habilitava a atuar nesse segmento da educação. Tanto Flora (51 anos) quanto Nora (17 anos), mãe e filha, eram venezuelanas e residiam em Brasília, à época da pesquisa, havia 4 meses. Ressalto, em tempo, que antes de ter contato com a professora e com as estudantes, negocie meu ingresso em campo com a coordenadora do NEPPE. Assim que fui autorizado, conversei com a professora e, na sequência, com a turma, para que eu pudesse, então, realizar o estudo. Todos permitiram a minha entrada e, posteriormente, o uso de câmera filmadora, que viabilizaria o registro das aulas, a fim de possibilitar a transcrição dos excertos e a análise conjunta das ações dos participantes. Nora, Flora e Estela, assim como os outros estudantes, se dispuseram a contribuir com o estudo no momento das reflexões êmicas.

O tópico de nosso encontro foi, então, o excerto interacional a seguir, proveniente de ações das participantes, para que pudéssemos realizar a análise do elogio excessivo negociado por Nora e Flora. Na cena, as estudantes, após uma explicação gramatical acerca do superlativo, deveriam elaborar cinco sentenças que descrevessem um membro da família. A pedido da professora (Estela), Nora resolveu formar frases sobre sua mãe (Flora).

/.../

1	<b>Estela:</b>	vamos lá? (..) Nora
2	<b>Nora:</b>	“minha mãe é belíssima”
3	<b>Flora:</b>	[(((alçamento de sobancelhas))) ((S))]
4	<b>Nora:</b>	“ela sempre está felicíssima (.) ela tem um coração grandíssimo” ((S)) (.)
5	<b>Flora:</b>	[(((manuseando a borracha e olhando para o material didático)))]
6	<b>Flora:</b>	[(((manuseando a borracha e olhando para o material didático)))]
7	<b>Nora:</b>	“e eh:: é amabiLíssima” ((R))
8	<b>Flora:</b>	((olhar para Nora)) ((S)) ((-))
9	<b>Nora:</b>	((olhar para a professora))

/.../

mover o ensino por meio de oferta de cursos de Português para Estrangeiros, incluindo cursos regulares bimestrais ou intensivos nos períodos de recesso; (2) fortalecer e incentivar a pesquisa científica na produção de conhecimentos na área de Português para Estrangeiros; e (3) constituir-se parceiro do estágio curricular, extracurricular e de outras atividades práticas que devem ou podem ser cumpridas por estudantes da Universidade de Brasília ou por grupos de professores em serviço.

Com base nos dados linguísticos desse excerto (e, inclusive, nos sinais não linguísticos), pudemos refletir acerca das próprias ações das colaboradoras e compreender o funcionamento do elogio (excessivo ou não) na modalização de atos impositivos, como estratégia de (im)polidez. A partir dessa prática, tivemos a oportunidade de realizar um debate (não apenas sociocultural, mas intercultural) relativo às concepções dos sujeitos de pesquisa quanto ao uso dessa semiose, de modo a permitir a partilha, a construção e a negociação conjunta de sentidos.

### Minha mãe é belíssima

Ao ouvir Nora dizer que sua mãe era belíssima (linha 2), Flora somente sorriu e movimentou as sobrancelhas (linha 3), como se estivesse grata pelo elogio, ainda ofertado em medida razoável. Tal percepção se deu a partir de sua reação inicialmente mais branda e de seu relato nas reflexões êmicas. Em alinhamento com Goffman (1967), Nora buscou, naquele momento, satisfazer as necessidades da *face* de sua mãe; esta, por sua vez, não sentiu qualquer violação de sua própria *face*. A filha, na ocasião, não avaliou que suas ações poderiam ser ameaçadoras; ao contrário, ela desejava, na concepção de Lakoff (1973), ser amigável, de modo que a mãe pudesse se sentir bem com aquele elogio, o que parecia ser o caso: Nora maximizou o que era favorável a Flora (LEECH, 1983), valorizando a *face* positiva da genitora (BROWN & LEVINSON, 1987).

Até a linha 3, mãe e filha encontravam-se em situação de acordo/alinhamento quanto à enunciação do elogio (Nora) e ao aceite dele (Flora). Era sinal de que Flora havia superado o dilema da resposta ao elogio, que consiste, na concepção de Jucker (2009, p. 1620), em decidir por uma violação: se aceitamos o elogio, violamos a “máxima da modéstia”; se recusamos o elogio, infringimos a “do acordo”. Flora, até aquele momento, decidiu aceitar o elogio, alçando a sobrancelha e sorrindo (linha 3). Com essas ações, a estudante acabou respeitando à “máxima do acordo” (concordou com Nora), mas infringiu a “máxima da modéstia” (não recusou o elogio).

Após o aceite do elogio (linha 3), Nora começou a descrever a mãe como quem tinha um coração grandíssimo (linha 4). Ao escutar esse elogio, Flora relatou nas reflexões êmicas que havia começado a manifestar certo nervosismo.

mo (linhas 5 e 6), devido ao fato de ter ficado um pouco constrangida com a fala da filha. Por fim, quando Nora terminou a lista de adjetivos (linha 7), Flora assumiu para si a “máxima da modéstia” (e violou a “do acordo”), discordando do elogio (aceno negativo de cabeça) e mostrando-se incomodada com tanto reforço (linha 8). Apesar de se tratar de situação artificial (criação de frases proposta pela professora e simulada pelas estudantes), esse reforço ocorreu graças à intensificação promovida pelo grau superlativo, responsável pelo exagero na apreciação da interlocutora.

No que diz respeito à enunciação, o elogio pode ser, então, claramente ameaçador, quando associado, por exemplo, à ironia, não sendo incomum, segundo Watts (2003, p. 130), a dificuldade em interpretarmos determinada ação como elogio ou ironia. Em casos de dúvida, Jucker (2009, p. 1619) adverte que devemos avaliar a natureza do elogio (se ele é sincero, vazio, irônico), pois, em algumas civilizações ocidentais, não é incomum, por exemplo, que os convites para jantar, por si só, já demandem elogios à comida, caracterizando-se como elogio vazio. Porém, avalio que socioculturalmente, em razão de já ter percebido reação análoga em brasileiros, podemos ter intenção de sermos amigáveis e de fazermos o anfitrião se sentir bem (cf. LAKOFF, 1973) ao maximizarmos a apreciação a ele (cf. LEECH, 1983), que dedicou seu tempo para preparar uma comida; e, por essa razão, buscamos fortalecer sua *face* positiva em sinal de retribuição (cf. BROWN & LEVINSON, 1987).

Mesmo Nora tendo declarado nas reflexões êmicas que *fez o elogio de coração*, ou seja, ela realmente estava sendo sincera (e não irônica) em sua ação, suspeito que a injunção da atividade pedagógica (elabore cinco frases utilizando o grau superlativo) tenha colaborado para uma produção, de certo modo, vazia, dado que a estudante não produziu esses elogios de modo natural (na experiência sociointeracional). O fato de Flora ter me relatado que sua filha não costumava fazer esses elogios em outros contextos fortaleceu ainda mais a minha suspeição de que Nora poderia tê-los proferido em decorrência da natureza da tarefa.

Manes (1983, p. 97) descreve uma interação em que o professor parabeneiza o aluno por ter descoberto o significado do que seria *lição de casa*. Segundo a autora, essa estratégia, denominada elogio manipulativo, é comum em interações assimétricas, sendo recomendado evitá-la, por ter o efeito de deprecição do outro, em decorrência da ironia e do caráter impositivo associados a



esse recurso. Fica claro notarmos que, no excerto sob análise, não havia qualquer efeito manipulativo nessas ações, devido à simetria entre as interagentes (a filha não buscava ser irônica com a mãe). Assemelhava-se, entretanto, com um elogio vazio, devido ao modo como a estratégia surgiu.

Ao estudar as reações ao elogio, Barbosa (1996) utiliza a classificação de Pomerantz (1978), que engloba mudanças na avaliação<sup>4</sup> e mudanças no referente<sup>5</sup>, e constata, em seus dados, mais três funções: a evasiva, o sorriso e o silêncio. Flora, nas linhas 5 e 6, evitou qualquer contato com a professora e com os colegas, haja vista que desviou o olhar para o material didático e começou a manusear a borracha (sem ter de utilizá-la). Após ter sido elogiada novamente (linha 7), ela recusou explicitamente o elogio com sinal negativo de cabeça (linha 8).

Em ambas as ações, Flora já demonstrava não ter apreciado o elogio e acabou, conforme Barbosa (1996), por esboçar reações evasivas não verbais de desvio de olhar, silêncio e sorriso (linhas 5 e 6). Sobre o aceno negativo com a cabeça, podemos considerar que ele marcou o desacordo diretamente, pois Flora não optou, segundo Pomerantz (1978), por diminuir (negando indiretamente), por moderar (minimizando), ou, menos ainda, por aumentar o elogio. Decidiu negá-lo diretamente.

Sobre a estratégia em estudo, Brown & Levinson (1987, p. 134) recomendam satisfazermos a *face* positiva de nosso interlocutor. Nesse sentido, ao elogiarmos alguém, devemos fazer isso em conformidade com as necessidades desse interagente, que deveriam ser, explícita ou implicitamente, sinalizadas. Ou seja, os autores já ensaiavam a ideia de que o elogio, conforme a intensi-

<sup>4</sup> As mudanças de avaliação constituem uma análise que o interlocutor faz em resposta a dado elogio que recebeu. Elas são subdivididas em moderada (quando há minimização do aceite ao elogio e é feita avaliação mais modesta); aumentada (quando o elogio é acentuado); e diminuída (quando o elogio é negado indiretamente). Barbosa (1996, p. 7) exemplifica os três casos, com respostas do tipo: “A: tá lindo (referindo-se a uma decoração de restaurante)! B: ficou o mais simples possível (sorrindo)” (moderação); “A: que roupa bonita (cumprimento entre vizinhas)! B: é um vestido velho que tava guardado” (diminuição); “A: vocês viram o prato que J. me deu (elogiando um presente)? B: bonito, né? A: maravilha!” (aumento).

<sup>5</sup> As mudanças no referente podem ocorrer de duas formas: transferindo o referente ou retornando o elogio ao proferidor. Barbosa (1996, p. 8) exemplifica ambos os casos, respectivamente, do seguinte modo: “A: éita letra bonita! B: a minha? A: sim B: tu acha? obrigada pela parte que me toca... bonita é a da mamãe” (transferindo o elogio); “A: tá novo (referindo o carro modelo antigo de B) B: mais do que o seu não” (retornando o elogio).

dade, tinha potencial para constituir invasão. Assim, esclareço que devemos buscar o equilíbrio entre as *faces* positiva e negativa ao longo do processo de interlocução, pois o elogio em excesso pode gerar custos ao outro, ferindo, dessa forma, a *face* negativa do interagente, conforme funcionou nas linhas 4 a 8 (uma intenção de valorizar a *face* positiva gerou uma violação da *face* negativa).

Nesse sentido, Bousfield (2008, p. 37) considera tênue a linha que delimita a polidez positiva e a polidez negativa. O autor (2008, p. 38) exemplifica o caso dos ingleses e dos estadunidenses: os primeiros são mais sensíveis às violações territoriais (preservam a *face* negativa) e os últimos tendem a preferir a valorização da *face* (desejam privilegiar a *face* positiva). Entretanto, avança o autor, essa análise jamais pode ser dicotômica, pois ingleses também desejam ser aprovados, e estadunidenses, livres; porém, o desejo por serem livres e por serem aprovados parece ser, respectivamente, bem maior nessas duas culturas.

Quando ofertamos ao nosso interlocutor mais do que nos é solicitado na interação face a face (como, por exemplo, no elogio), estamos, segundo Watts (2003, p. 130), correndo o risco de sermos avaliados positiva ou negativamente. A reflexão, assim, se torna fundamental, pois, mesmo que o desejo do locutor seja satisfazer a *face* positiva do interagente, Watts (2003, p. 21) chama a atenção para o comportamento político (*politic behaviour*), definido como “(o) comportamento, linguístico ou não linguístico, que os participantes constroem como sendo apropriado à interação social em curso”<sup>6</sup>.

Esse comportamento, a meu ver, tem a função de equalizar as ações dos sujeitos, a fim de proteger as *faces* de ambos os interagentes. Apesar de o termo *comportamento* rememorar o behaviorismo, incompatível com a agenda deste trabalho, parece oportuno notar que há, nesse processo regulatório, a reflexividade no que concerne à ação menos lesiva às *faces* dos interagentes. Em sintonia com esse pensamento, Válková (2013, p. 49) considera o elogio como resultante de uma negociação recíproca, e não um ato de fala isolado, posto não ser tão previsível, por exemplo, como o pedido de desculpas (reação a determinado ato descortês<sup>7</sup>). A depender da tradição sociocultural, finaliza

<sup>6</sup> Tradução minha para o seguinte trecho: “[...] *behaviour, linguistic and non-linguistic, which the participants construct as being appropriate to the ongoing social interaction*”.

<sup>7</sup> Embora tenhamos optado pelo uso do termo *polidez* (e não *cortesia*), buscamos respeitar a terminologia original de Válková (2013), de Briz (2004) e de Malaver y González (2008). Sobre a distinção entre *polidez* e *cortesia*, sugiro a consulta da minha tese (ALBUQUERQUE, 2015).

Válková, a expectativa em torno do elogio, em algumas culturas, pode ser tão grande que o silêncio pode estar associado a um sinal de reprovação.

Similarmente aos pedidos e às ordens, Marcuschi (1989, p. 284) insere os elogios nos atos que ameaçam a *face* negativa do interlocutor, por consistir em estratégia capaz de gerar custos, devido ao potencial para promover violação territorial, assim como constatamos no excerto sob análise. Essa ameaça negativa ocorre, na visão de Siebold (2008, p. 321), por efeito do desejo do locutor em ter o objeto do elogio, o que não fica evidente na interação analisada, em decorrência da relação entre as interlocutoras (mãe e filha) que, possivelmente, não promoveria a cobiça. Para Rus (2007, p. 5), o elogio torna-se impositivo na medida em que, de certa forma, obriga o interlocutor a reagir de algum modo, seja ele verbal ou não verbal, como foi o caso das reações de Flora nas linhas 3, 5, 6 e 8.

Segundo Saiz Mingo (2011, p. 8), o elogio pode ser empregado para suavizar a ameaça contida, por exemplo, em pedidos, especialmente no caso de convites, mas pode ser avaliado também negativamente, conforme a interpretação que o interlocutor faz, como foi o caso de Flora (linhas 3, 5, 6 e 8). É por essa subjetividade que Malaver y González (2008, p. 270) percebem o elogio como recurso linguístico situado na fronteira entre o cortês e o não cortês, uma vez que os efeitos associados a ele estão sujeitos à interpretação do interlocutor: trata-se do conceito de “cortesia interpretada” (cf. BRIZ, 2004).

Em sentido similar, o elogio, para Holmes (1995), pode expressar (a) solidariedade; (b) avaliação positiva, admiração, apreciação ou exaltação; (c) inveja ou desejo pelas posses do outro; e (d) assédio verbal. Holmes acaba estabelecendo, assim, que as duas primeiras situações se alinham com a polidez (valorização da *face* positiva) e as duas últimas com a impolidez (ameaça à *face* negativa). No que diz respeito ao nosso dado, mesmo que as ações de Nora tivessem objetivado realizar uma avaliação positiva, ela não logrou êxito nas linhas 5, 6 e 8 (as ações foram consideradas invasivas); do mesmo modo que, embora a mãe não tivesse avaliado as ações da filha como sinônimo de inveja ou assédio verbal, aquela recusou o elogio (linhas 5, 6 e 8).

Logo, discutir o que seria excessivo na estratégia de elogiar o interlocutor só faz sentido na perspectiva intercultural, pois, conforme ilustra Haverkate (2003, 2004), os holandeses buscam, ao longo das interações, sempre respeitar os limites territoriais do outro, a ponto de evitar, assim, comentários elogiosos ao seu interlocutor. Eles estão acostumados a não receber elogios e não sabem

como responder a essa estratégia, caso a recebam. Dessa forma, essa comunidade, assim como reagiu Flora, percebe o elogio como invasivo. Devemos, portanto, refletir sobre esse uso no contato entre sociedades.

A visão que os holandeses têm do elogio pode ser explicada, à luz da análise da conversa, a partir da organização da preferência (termo cunhado por Sacks *et al.*, 1974), pois essa comunidade manifesta despreferência em valorizar a *face* positiva do outro, em função da necessidade mais evidente de preservar a *face* negativa do interagente.

Nessa mesma linha de análise, Marcuschi (1991, p. 50), embora sem se referir a nenhuma etnia, destaca que o elogio é despreferencialmente aceito, devendo ser, muitas vezes, evitado publicamente, assim como constatamos nas reações de Flora (linhas 3, 5, 6 e 8). Essa resposta ao elogio é evidenciada nos dados de Sathler (2011, p. 82), ao ressaltar que, em nossa cultura, “a pronta aceitação do elogio pode ser considerada ato de presunção”, implicando, de igual modo, infração à “máxima da modéstia” (LEECH, 1983, p. 135).

Situação análoga, conforme explicita Andrade (2010, p. 59-60), ocorre na cultura espanhola, em que é recomendado ao interlocutor, em situações de elogios, demonstrar humildade e desvalorização própria, pois, caso contrário, sua ação (o autoelogio) será avaliada negativamente. No entanto, elogiar terceiros pode ser considerado positivo, conforme esclarece Briz (2008, p. 250), embora esse pensamento já não corresponda à situação evidenciada no excerto analisado. Os filipinos, por sua vez, preferem explicitar semanticamente o elogio e esperam, em contrapartida, que o sujeito elogiado o aceite (ZHANG, 2013, p. 38). As razões para essa tendência à explicitação, afirma o autor, está na dificuldade de os interagentes distinguirem os atos de fala de elogio e os de gratidão, o que justifica o não aceite do elogio (o locutor não explicitou, e o interlocutor não entendeu o ato de fala como elogio), pois, do contrário, espera-se que a estratégia seja aceita.

Em suma, a avaliação do elogio como valorizador ou invasivo dependerá do universo sócio/intercultural dos atores sociais e do contexto que os envolve, pois, assim como esclarece Kerbrat-Orecchioni (2004, p. 40), a sua forma e a sua condição de aplicação, como qualquer outra estratégia de polidez, variará sensivelmente entre as sociedades. Ademais, devemos também avaliar a natureza do elogio, pois essa percepção também colaborará com as reações decorrentes da estratégia utilizada. Aceitar ou não aceitar o elogio colocará na balança não só

as máximas “da modéstia” e “do acordo”, mas também os limites tênues entre a polidez positiva e negativa. Ou seja, consideramos um desafio interagir socialmente percebendo os limites da valorização da *face* positiva, sem infringir a *face* negativa. Entender a proporção do elogio sob medida e do elogio em exagero deve, nesse sentido, integrar a agenda dos estudos sócio/interculturais.

## Considerações finais

Diferentemente da visão clássica acerca do elogio, como ação que almeja ser amigável com o outro (LAKOFF, 1973), de modo a apreciá-lo e enaltecê-lo, no reconhecimento de suas qualidades (LEECH, 1983), fortalecendo, desse modo, sua *face* positiva (BROWN & LEVINSON, 1987), entendemos que essa estratégia encontra-se sobre a linha tênue entre a polidez negativa e a positiva (BOUSFIELD, 2008), situada na fronteira entre o cortês e o não cortês (MALAVER y GONZÁLEZ, 2008), dado que a dicotomia entre o que seria polido/cortês e impolido/descortês não se sustenta em uma investigação sócio/intercultural.

Associado a essa fluidez das estratégias de polidez negativa e positiva está o caráter de negociação recíproca que envolve o ato de elogiar (VÁLKOVÁ, 2013), uma vez que não há qualquer tratamento universalista/pancultural capaz de mapear uma única reação esperada para essa estratégia. Em acréscimo a essa perspectiva, Young (2008, 2011) admite que essa impossibilidade se dá pelo caráter imprevisível da interação social e pela construção mútua e recíproca de nossas enunciações, situadas em nossas práticas discursivas. O fenômeno da polidez, em suma, pode ser considerado universal/pancultural; sua manifestação, porém, como língua(gem) em uso é intercultural (KERBRAT-ORECCHIONI, 2004).

Constatamos, em nossos dados de pesquisa, que Nora iniciou os elogios à mãe em decorrência de uma atividade pedagógica, o que pode, em certa medida, caracterizar um elogio não sincero (ele pode ter sido enunciado apenas por que a interlocutora não teria se sentido confortável em elogiar outro colega da sala). Contudo, nossa colaboradora revelou, nas reflexões êmicas, que desejava proporcionar à mãe uma sensação positiva, e que jamais pretendia desagradá-la ou deixá-la em situação constrangedora. O elogio funcionou como estratégia de polidez positiva (cf. BROWN & LEVINSON, 1987) até

a linha 3, em que as duas estabeleceram pacto latente de preservação de *faces* entre si (o elogio era, ao mesmo tempo, enunciado e aceito). Todavia, a partir da linha 4, o par elogio-aceite já não ocorria mais, posto que Flora discordou do elogio com ações indiretas de desvio de olhar, silêncio e sorriso (linhas 5 e 6) e, mais tarde, com aceno negativo de cabeça (linha 8).

Notamos, então, a partir desses dados, que o elogio não funciona, em absoluto, como estratégia de polidez positiva (cf. BROWN & LEVINSON, 1987), podendo ora constituir estratégia bem avaliada (elogio), ora como estratégia mal avaliada (elogio acentuado/intensificado/excessivo).

Respondendo, desse modo, à nossa questão de pesquisa, chegamos à conclusão de que Flora não aceitou plenamente o elogio, por ter se sentido, em dado momento, constrangida diante do *exagero da filha*, fazendo com que a estratégia funcionasse como invasiva (e não valorizadora). Por outro lado, Nora sequer notou que tal estratégia pudesse causar esse efeito, pois estava querendo não só cumprir com a atividade do curso de português brasileiro, mas também valorizar os atributos da mãe.

Nossa expectativa final é de que este trabalho possa colaborar para estudos futuros, inscritos nas perspectivas sociointeracionais e pragmáticas, de cunho sócio/intercultural, voltados para outros contextos investigativos, como, por exemplo, interações entre sujeitos de outras etnias, ou em relações de assimetria interacional, ou de gêneros discursivos distintos (envolvendo oralidade ou escrita). Seriam igualmente salutares pesquisas em contextos similares ao nosso, posto que a microanálise etnográfica assume compromisso com dados contextualmente situados, sem a pretensão de promover quaisquer generalizações.

## Referências

ALBUQUERQUE, R. *Um estudo de polidez no contexto de L2: estratégias de modalização de atos impositivos por falantes de espanhol* [Tese de Doutorado em Linguística – Programa de Pós-Graduação em Linguística] Brasília: Universidade de Brasília, 2015. 372p.

ANDRADE, M. de A. *Cortesia e marcadores discursivos: contrastes entre discursos orais chilenos e espanhóis e as percepções de brasileiros*. [Dissertação de Mestrado em Letras – Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010. 212p.

- ANGROSINO, M. *Etnografia e Observação Participante*. Trad. José Fonseca. Coleção Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ATKINSON, J. M. & HERITAGE, J. Jefferson's transcript notation. In: JAWORSKI, A. & COUPLAND, N. *The Discourse Reader*. 2nd ed. USA: Routledge, 2006 [1984].
- BARBOSA, M. L. F. de F. Estratégias de polidez em respostas a elogios. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 28: p. 5-17, Campinas, 1996.
- BOUSFIELD, D. *Impoliteness in Interaction*. USA: John Benjamins Publishing Company, 2008.
- BRIZ, A. Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada en la conversación. In: BRAVO, D. & BRIZ, A. (Eds.). *Pragmática Sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. España: Ariel Lingüística, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Atenuación y cortesía verbal en la conversación coloquial: su tratamiento en la clase de ELE*. Universidad de Valencia, 2008, [http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca\\_ele/publicaciones\\_centros/PDF/munich\\_2005-2006/02\\_briz.pdf](http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/publicaciones_centros/PDF/munich_2005-2006/02_briz.pdf), 18/5/2016.
- BROWN, P. & LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- FLICK, U. *Desenho da Pesquisa Qualitativa*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Coleção Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GOFFMAN, E. *Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior*. UK: Penguin University Books, 1967.
- GUMPERZ, J. J. On interactional sociolinguistic method. In: SARANGI, S. & ROBERTS, C. (Eds.). *Talk, work and institutional order*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.
- HAVERKATE, H. El análisis de la cortesía comunicativa: categorización pragmalingüística de la cultura española. In: BRAVO, D. (Ed.). *La perspectiva no etnocentrista de la cortesía: identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes*. Estocolmo: Actas del Primer Coloquio del Programa EDICE, 2003.
- \_\_\_\_\_. El análisis de la cortesía comunicativa: categorización pragmalingüística de la cultura española. In: BRAVO, D. & BRIZ, A. (Eds.). *Pragmática Sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. España: Ariel Lingüística, 2004.
- HOLMES, J. *Women, men and politeness*. London and New York: Longman, 1995.

JOHNSTONE, B. *Qualitative Methods in Sociolinguistics*. New York: Oxford University Press, 2000.

JUCKER, A. H. Speech act research between armchair, field and laboratory: the case of compliments. *Journal of Pragmatics*, v. 41: p. 1611-1635, 2009.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. ¿Es universal la cortesía? In: BRAVO, D. & BRIZ, A. (Eds.). *Pragmática Sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. España: Ariel Lingüística, 2004.

\_\_\_\_\_. *Análise da Conversação*. Trad. Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006 [1943].

LAKOFF, R. T. The logic of politeness; or, minding your p's and q's. In: CORUM, C. et al. (Eds.). *Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, p. 292-305, 1973.

\_\_\_\_\_. Civility and its discontents. In: LAKOFF, R. T. & IDE, S. (Eds.). *Broadening the Horizon of Linguistic Politeness*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005.

LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. London: Longman, 1983.

MALAYER, I. y GONZÁLEZ, C. El antipiropo: el lado oculto de la cortesía verbal. In: BRIZ, A. et al. (Eds.). *Cortesía y conversación: de lo escrito a lo oral*. III Coloquio Internacional del Programa EDICE. España: Universitat de Valencia, 2008.

MANES, J. Compliments: a mirror of cultural values. In: WOLFSON, N. & JUDD, E. (Eds.). *Sociolinguistics and Language Acquisition*. Rowley: Newbury House Publishers, 1983.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Português culto fã-lado no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1989.

\_\_\_\_\_. *Análise da Conversação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

OCHS, E. Transcription as theory. In: JAWORSKI, A. & COUPLAND, N. *The Discourse Reader*. 2nd ed. USA: Routledge, 2006 [1984].

POMERANTZ, A. Compliment Responses: Notes on the Co-operation of Multiple Constraint. In: SCHEIKEN, J. (Ed.). *Studies in the organization of conversational interaction*. New York: Academic Press, 1978.

PRETI, D. Normas para transcrição dos exemplos. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Cortesía verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008.



- RUS, J. A. B. Cumplidos. *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación*, v. 31: p. 3-12, 2007.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A. & JEFFERSON, G. A simplest systematic for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, v. 50: p. 696-735, 1974.
- SAIZ MINGO, A. Con o sin permiso: saber invadir el espacio del otro. *MarcoELE*, v. 12, p. 1-21, enero-junio, 2011.
- SATHLER, E. H. B. *Estratégias de polidez utilizadas por brasileiros em situações de elogio: um estudo sociointeracional*. [Dissertação de Mestrado em Linguística – Programa de Pós-Graduação em Linguística]. Brasília: Universidade de Brasília, 2011. 116 p.
- SIEBOLD, K. “So schön finde ich den gar nicht”: La cortesía verbal en los cumplidos y en las respuestas a los cumplidos en español y en alemán. In: BRIZ, A. *et al.* (Eds.). *Cortesía y conversación: de lo escrito a lo oral*. III Coloquio Internacional del Programa EDICE, España: Universitat de Valencia, 2008.
- VÁLKOVÁ, S. Speech acts or speech act sets: apologies and compliments. *Lingüística Pragmática*, v. 2: p. 4-57, 2013.
- WATTS, R. J. *Politeness*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2003.
- XIAMEI, P. & YUSHAN, Z. Compliment: A Cross-Cultural Study of Speech Act Awareness: A Pilot Project Report. *Canadian Social Science*, v. 10, n. 5: p. 93-8, 2014.
- YOUNG, R. F. *Language and Interaction: an advanced resource book*. London and New York: Routledge, 2008.
- \_\_\_\_\_. Interactional Competence in Language Learning, Teaching, and Testing. In: HINKEL, E. (Ed.). *Handbook of research in second language teaching and learning*, v. 2, London and New York: Routledge, 2011.
- ZHANG, J. P. Compliments and Compliment Responses in Philippine English. *Journal of Languages Studies*, v. 13, n. 1: p. 25-41, feb./2013.

**MY MOTHER IS BEAUTIFUL: THE EXCESSIVE COMPLIMENT AS (IM)POLITENESS STRATEGY IN NEGOTIATION IN THE INTERCULTURAL CONTACT BETWEEN TWO STUDENTS OF BRAZILIAN PORTUGUESE AS SECOND LANGUAGE**

ABSTRACT

In this study, we propose to examine, by interactional sociolinguistics and pragmatics, how excessive compliment is evaluated by the Spanish speakers students in the context of Brazilian portuguese teaching as second language. According to the data analyzed, we've noticed that the participant Nora, differently from Flora, evaluated positively the use of the compliment (her purpose was to do the selected pedagogical activity and highlight the positive characteristics of her mother).

KEYWORDS: (im)politeness; (excessive) compliment; Brazilian portuguese teaching as second language.

Recebido em: 31/05/2016

Aprovado em: 09/10/2016

## APÊNDICE

## CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

Ocorrência	Sinais	Exemplificação
Nome dos participantes	<b>Negrito</b>	<b>Nora</b>
Leitura de texto	“ ”	“minha mãe é belíssima”
Entonação descendente forte	?	vamos lá?
Pausa curta e pausa média	(.) (..)	ela sempre está felicíssima (.) vamos lá? (..) Nora
Falas e/ou ações simultâneas	[[ (dois colchetes)	minha mãe é belíssima” [[((alçamento de sobrancelhas)) ((S))
Extensão de som média	::	eh::
Transcrição parcial ou eliminação de trecho	/.../	/.../
Comunicação não verbal	(( )) (parênteses duplo)	((alçamento de sobrancelhas))
Aceno negativo de cabeça	((-))	((-))
Sorriso	((S))	((S))
Riso	((R))	((R))

**Fontes:** Atkinson & Heritage (2006 [1984]); Ochs (2006 [1984]); Gumperz (1999) e Preti (2008).